

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO DE VASCONCELLOS

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	600 "
Para o Brazil, por anno.	2\$000 "
Para a Africa, por anno.	1\$200 "
Numero avulso.	30 "

Annunciam-se as obras das quaes se recebe 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de
Antonio de Vasconcellos
Administração—RUA DA AGUA
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha.	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello.	10 "

Originæes sejam ou não publicados não se restituem
Annuncios permanentes e communicados
preço convencionado.

A REGULAMENTAÇÃO DO JOGO

Tem-se occupado ultimamente a imprensa de uma questão, que não deixa de ser importante sob o ponto de vista moral e social. Trata-se da regulamentação no nosso paiz do jogo de azar, mostrando-se em geral a imprensa disposta a aceitar e até a incitar essa regulamentação que, segundo se diz, faz parte dos projectos de lei que o governo tenciona apresentar ás côrtes na proxima sessão legislativa.

Não nos passa despercebido que nos encontramos na presença de um assumpto bastante delicado, que tem a hostilidade do grande numero de preconceitos que foram passando de seculo para seculo e de geração para geração.

O jogo, affirmam os que o combatem, é um mal social, um mal que arrasta muita familia á ruina, muito homem á perdição e muito desgraçado ao desespero e ao suicidio. E' um mal que degrada todos aquelles que se entregam a semelhante paixão; um vicio que todos devem estigmatizar pelas ruinas moraes que causa, ruinas que nunca deixaram de se impôr á consideração dos dirigentes das nações.

Não contestamos que o jogo é um vicio e um mal; mas tambem devemos observar que esse vicio nasceu com o homem e que nunca nenhum legislador conseguiu extirpal-o, por mais severas que fossem as leis que promulgasse.

Na nossa antiga legislação não faltam penalidades severissimas, até a de morte, contra o jogador; mas apesar d'isso o vicio foi triumphando sempre, impondo-se ás proprias leis, modificando-as, ou aos seus executores obrigando-os a fazer vista grossa diante das proprias bancas de jogo, das casas de tavolagem, como se dizia antigamente.

Alem d'isso, ha outros vicios, outras paixões que arras-

tam o homem a commetter diversos e crimes, sem que por isso tente o legislador, por impossivel, extirpar a causa d'esses vicios ou d'essas paixões. Porventura já alguém pensou em abolir a mulher, causa, por vezes inconsciente, de tantos crimes e de tantos males sociais?

Sobre o jogo é que tem cahido todas as iras; e por fim esse grande mal social invade os mesmos governos, que permitem a loteria, um verdadeiro jogo de azar. Depois que representa o jogo? Não dispõe cada jogador do que é seu? Póde-se acaso tolerar que se promulgue uma lei que tolha a livre disposição do que cada um possui?

Sejamos justos e cordatos. Compreendemos que o jogo é um vicio e uma paixão, mas tambem reconhecemos que por mais que se legisle, jamais se conseguirá extirpar esse vicio de qualquer sociedade. São os seculos e os factos de todos os dias que o affirmam.

Por conseguinte, pela nossa parte, estamos ao lado dos que querem a regulamentação do jogo e que o governo tire d'elle recursos para as despesas do Estado. Se o homem que trabalha, que moureja durante um dia inteiro, é sobrecarregado de impostos, porque não se ha de fazer isto mesmo com o vicioso, com o jogador?

Um bom imposto sobre o jogo concorreria de certo modo para alliviar o contribuinte honesto e daria ao governo recursos que não seriam para despresar ante a depauperação em que continuamente se acha o thesouro nacional.

Já ha muito que se deveria ter regulamentado o jogo, acabando até com certos abusos auctoritarios e com essas rusgas policiaes que se resumem em entregar aos tribunaes alguns baralhos de cartas, alguma roleta inoffensiva e homens que praticaram o crime nefando de dispor do que era seu!

Rugulamente-se o jogo que,

está-nos parecendo isso, até a causa da moral ha de ganhar bastante, muito mais que com essas casas clandestinas de tavolagem, que nunca foi possivel extinguir.

Meu... Amigo.

Releve-me o grandissimo desprimor que tem sido o meu longo silencio desde a recepção, em 22 de julho p.º p.º, da presadissima carta mediante a qual me dirige um convite tão honroso, quanto inexequivel, attenta a estreiteza dos meus recursos intellectuaes e a dificuldade, bem evidente, com que entreteço alguns periodos.

Porque, meu prestante amigo, esta vida, em Lisboa, enturva, e neurastênica, maximamente, o espirito de quem, para o meio d'ela, foi atirado após longos annos, passados na incomparavel e confortante quietação da aldeia, por onde cantam melros na verdura dos silvêdos, e choram melopêas as aguas, no rumorejar suavissimo dos regatos, sob a ramaria espessa e acolhedora de velhas arvores seculares, enquanto nas relvas humidas e nos vergeis floridos, as abelhas sugam, diligentemente o nectar que hão-de transmutar no loiro mel dos favos, cheias, pingues...

Quem, por lá, viveu muitos annos, afóra os que malbaratou num captivo de ominosa memoria, onde, só por milagre, não deixou marear a alma com a incoerência entre as doutrinas pregadas e o exemplo dado, quem, digo, teve de trocar a religiosa pacificação da aldeia pelo ruidoso movimento da cidade, em cujo meio não nasceu, nem foi educado, sente como que exgotarem-se-lhe as energias, fisicas e intellectuais, incapacitado para tudo quanto represente um esforço ao espirito, ou uma decisão da vontade.

Vem isto a dizer que, só com muita dificuldade, poderei satisfazer o cativante pedido que me dirigiu; não obstante, e por bem saber que não espera, de mim, longas crónicas, eruditas e rechêadas de ciência, mas, quando muito, simples impressões, aspectos e typos da vida lisboêta, não hesito em mandar, hoje, a primeira das crónicas que me pediu, certo de que os inteligentes ledôres do Figueiroense, serão benevolos e amaveis ao extremo de relevarem os senões que a sua luminosa acuidade descortinará através da minha singela e desatavadiissima prosa.

Só esta convicção fundamentada, e justifica minha ousadia.

Entretanto, subscrevo-me com subida consideração

De V... etc.

Lisboa 5 d'outubro de 1909.

José Craveiro da Cruz.

CRÓNICA DE LISBOA

5 d'outubro de 1909.

Lisboa que, durante os meses de sufocante temperatura, fôra troca-la

pela suave quietação dos remansos provincianos e pelo ar salutar das praias, aonde os seus habitantes exaustos pelo fatigante e rude labutar da vida citadina, se encaminharam, para avigorar os nervos debilitados e alegrar os espiritos sempre fixos na solução dos complicados problemas que dificultam a existencia; a capital que, por esses dias de calor intenso, abrasador, a faiscar, mais ardente, da casaria lavada de sol, sem uma lufada de frêscas aragem, perdêra, sensivelmente, muito do estridente bulicio que a caracteriza, reentra na sua feição, typica e habitual, animando-se, agitando-se, mais forte, melhor apercebida para novas lides, como que virilizada pelas energias que, lá de fóra, trouxeram quantos num exodo restaurador, tiveram a invejavel ventura de, por algum tempo, a deixarem, postergando os quefazeres, as occupações, inerentes aos seus encargos, e procurando, na benefica tranquillidade das estancias extra-urbanas, a precisa reparação das forças, se não gastas, enfraquecidas pela luta agreste de todos os dias.

De envolta com os laboriosos, com os que, em procura de subsistencia, moirejam na vida extenuante da cidade, abaláram tambem, e em maior numero, os bafejados da fortuna, os ricos, porque tambem eles carecem de oxigenar o sangue mole, aspirando outros ares mais puros, mais vitilizados.

Privada de milhares dos seus habitantes, a cidade parecia sopitada num pesado sono, e não estadêava, como agóra, o seu aspecto buliçoso, turbulento, nas variadissimas manifestações da sua multimoda actividade. Nas longas ruas, por onde o commercio expõe os seus salientes mostradores, peçados de coisas lindas que se apeteçam, nas avenidas, amplas e bem alimpadas, que abrem clareiras de luz na compacta aglomeração dos mais heterogeneos e desimilhanes edificios, volta a acotovelar-se, numa promiscuidade nitida, a multidão dos que trabalham, dos que nada fazem, num contraste flagrante de typos inconfundiveis, numa diversidade de trages em que se salientam, os requintes da moda e os extremos ridiculos da vaidade, pretenciosa, sem o encanto suave da modestia e, quantas vezes sem o candido aroma da virtude que, nã obstante, transparecem de muitos rostos, claros e bons, que, num esforço forte, logram eximir-se á influencia, constante e avassaladora, do ambiente.

Os calês, raramente frequentados até ha pouco, faltos do rumor e da tagarelice que os individualisam,

quasi trasbordam já, sob a luz intensa das lampadas e dos lustres que põem nos crystais limpídos e nos metais bem polidos, cintilações folgurantes, estonteadoras: conversa-se em alta voz, discute-se com vivacidade, deoxidam-se as línguas, intriga-se quantas vezes, trocam-se impressões, fala-se do campo, das praias, das belas excursões que se relembram com saudade.

Referindo-me a cafés, natural é accentuar que, talvez no bom desejo de se libertar das acusações de nacionaes e estrangeiros que, á uma se queixam de não haver, na capital, um café modelar, um café que bem satisfaça as exigencias actuaes, e chamam *taberna* ao Suisso que, ainda assim, é das melhores casas no seu genero, Lisboa forcêja por nos dar um café que, pelas suas e comodidades que offerêça, ponha termo a essas queixas e a tantos reparos.

No Largo de Camões, fronteiro ao magestoso edificio da estação central do Rocio e na casa anteriormente occupada pela livraria Tavares Cardoso, abriu, ha dias, um novo café, a que, por uma extranha e teimosa tendencia para tudo quanto venha de fóra, puzeram o nome de —Café de la Gare, quando, simples e lindamente, deviam chamar-lhe: Café da Gare.

Mas... não ha meio de conseguir que os portuguezes falem, só e apenas, a sua língua, salvo o rarissimo caso em que é forçoso recorrer aos lexicons alheios.

Tem a nova casa o defeito, de per si já grande, de ser acanhadissima a ponto de, quando regularmente frequentada, haver difficuldade em o atravessar sem infligir algum incomodo aos que tomaram, de assalto, as poucas mezas; contudo, a disposição interna, bem como o aspecto exterior, é d'um extremado gosto artistico, pela correção estetica das suas linhas e dos ornamentos, d'uma graciosa e simples beleza.

O antigo e conhecido Martinho, no mesmo largo em que se defrontam o Normal e a Estação, depois de, por longos mezes, occultar, aos olhares indiscretos e curiosos a reorganisa-

ção a que, interior e exteriormente, andava procedendo, á custa de muitos contos de reis dispendidos, mandará levantar, ao que parece no proximo dia 15, a tósca vedação de madeira e patentear-se-á, completamente outro, transformado, rejuvenescido, loução, num deslumbramento de luzes, com luxuosissimo mobiliario, finissimos crystaes d'uma absoluta transparencia immaculada, a competir, a rivalisar, e, por óra, com inegavel vantagem sobre as demais casas congeneres da cidade.

Tendo, não obstante, a crêr, mesmo a afirmar que, no Martinho, como no Suisso, como em todos os outros cafés que, por aí, abundam, falta a amplitude necessaria para acolher, francamente, as numerosas pessoas que, nas frias e longas noites d'inverno, gostam de passar horas seguidas, em conversações pegadas, ao redor de pequenas mezas, com marmores claros, entre goles de saboroso café, a fumar de pequeninas chavenas translucidas, e mordendo, voltuosamente um charuto aromatico, ou um cigarro de bom tabaco. Porque, diga-se tambem, ha pessoas que, constantemente, frequentam os cafés, com radicaçaõ predilecção por esse meio que, a mim, só tedio me causa, quicá por não estar habituado a essa atmosphera, saturada de bulicio e de frivolidades.

A politica está, felizmente, posta de parte, ao menos emquanto o pesado, inestetico palacio de S. Bento não reabrir as suas portas, como quasi sempre, para os desmandos dos que têm, entre mãos, as lidas da nossa triste e mal orientada governação; o teatro não merece, por óra, as atenções da critica, porque nem mesmo se iniciou ainda, precisamente, a epoca d'inverno: apenas nos da Trindade, Principe Real e da Rua dos Condes, estão postas em cena algumas peças de regular apreço.

No teatro da Trindade, uma elegante casa muito estimada pela sociedade lisboéta, tem-se aguentado, com merecidos aplausos e justos elogios, a bem urdida peça «O País do Vinho» sempre vista com sobejo agrado; o Principe Real, ha dias

viam saltado para a via, vendo-se-lhes no rosto estampada a expressão do pavor.

No estribo da primeira carruagem estava um homem que nos chamou e disse, designando um compartimento: —Está allí dentro uma mulher, que não dá accordo de si. Morreria?

Eu e meu primo Alberto tratamos de entrar no compartimento indicado.

Sobre as almofadas, cobertas de estilhaços de vidro e de madeira, vimos estendida e inanime uma mulher nova, notavelmente formosa e vestida com elegancia. Envolvia-lhe a cabeça um véu de gaze azulado. O delicioso rosto não tinha sido atingido.

Havia, porem, sangue na fronte, o que provava que a formosa passageira havia sido ferida por um estilhaço na cabeça:

—Onde será o ferimento, Arnaldo?

—perguntou meu primo.

—Talvez na cabeça—respondi.

Effectivamente não tardamos a descobrir o ferimento d'onde gotejava o sangue, ferimento occulto por uma massa de cabellos pretos, finos e seccos.

Sem duvida a graciosa passageira estava dormindo, quando se deu a catastrophe, pois parecia que se dormindo estava, dormindo havia ficado.

—Estará ainda viva?—perguntou meu primo.

Nem eu nem Alberto podiamos

aberto, tem tido certa frequencia, graças a uma das boas obras de Sardou.

Durante a epoca calmosa, tivemos, como melhor distracção, as feiras em Alcantara e no parque de Eduardo VII, e, todas as noites, em cada recanto da cidade, os animatografos que se multiplicaram extraordinariamente, e que, pela relativa modicidade dos preços, são muito frequentados, fazendo grande concorrência aos theatros.

O Coliseu já escancarou tambem as portas, e facultou, ao publico, o seu amplissimo anfiteatro, quasi sempre repleto, mercê da iniciativa arrojada do comendador Santos, cuja intelligencia e singular pertinacia fizeram, do espaçoso e desmedido edificio, a mais querida e, por certo, a mais frequentada das nossas casas d'espectaculos.

José Craveiro da Cruz.

Fallecimento

Depois d'um prolongado soffrimento, succumbiu na sua casa em Soure, a Sr.^a D. Maria Augusta de Carvalho e Noronha, virtuosa irmã do nosso prezado amigo, Sr. Elizio de Carvalho, digno escrivão-notario n'esta comarca.

A toda a familia enlutada e, especialmente, ao nosso amigo Sr. Elizio Nunes de Carvalho e seu irmão o Sr. Dr. José Nunes de Carvalho, distincto medico em Soure, apresentamos a nossa condolencia.

Promoção

Foi promovido a 2.^o sargento o nosso prezado assignante Sr. João Gomes da Silva Teixeira, em commissão na Africa Occidental.

Damos-lhe os parabens.

Arrematação de carnes

Pelo nosso amigo Sr. Augusto Lopes Mercês, d'esta Villa, foi arrematado o fornecimento de carnes ver-

des, para o proximo anno; ficando a carne de vacca a 240 reis o kilo, de carneiro a 160 e de porco a 380.

Principio d'incendio

No dia 9 do corrente houve principio d'incendio em casa do nosso amigo Sr. João Luiz que se manifestou na chaminé do predio.

Felizmente, e devido aos immediatos soccorros, não houve grandes prejuizos.

Moedas de 200 reis

Prevenimos os nossos estimaveis leitores de que as moedas de prata de 200 reis, dos reinados de D. Luiz e D. Carlos, terminam a sua circulação no dia 30 de Novembro proximo.

Não haja esquecimento...

NOTICIARIO

Da sua aprazivel quinta do Ribeiro Travesso, aonde vieram assistir á vindima, já sahiram n'um dos dias d'esta semana os nossos queridos patrietas Srs. Joaquim, e Antonio Lopes de Paiva, opulentos capitalistas e proprietarios.

De passagem para Lisboa vimos n'esta Villa o nosso prezado amigo Sr. José Antonio David, acompanhado de sua esposa e sobrinha.

De visita ao seu amigo Sr. Carlos Graça, esteve n'esta Villa o Sr. Dr. Alvaro Lapa, distincto medico em Lisboa.

Fizeram annos nos dias 8, 9 e 10 do corrente, os nossos prezados amigos, Srs. Albano dos Santos Abreu, Alfredo Cardoso e Alfredo Corrêa de Frias.

Damos-lhe os parabens e que vão contando muitos mais e... nós que vejamos.

Tivemos o prazer de ver na nossa redacção o nosso prezado assi-

FOLHETIM

PERIGOS QUE SE CORREM

II

Quando chegamos á linha ferrea os nossos olhos depararam com um espectáculo emocionante e tragico.

Um comboio de passageiros fóra de encontro a outro de mercadorias, dando-se um choque terrivel.

As duas locomotivas jaziam tombadas sobre a via e atravez de alguns restos torcidos e quebrados viam-se dous cadaveres. Os vagões dos comboios de mercadorias como que haviam penetrado uns nos outros, vendo-se espalhados pelo solo uma massa informe composta de caixas despedaçadas, fardos, cestos, ferragens, madeiras, tudo n'uma confusão indisciplinavel.

Quanto ao comboio de passageiros parecia ter soffrido menos. Com excepção da locomotiva, do *fourgon* das bagagens e da primeira carruagem, o resto estava quasi intacto.

Os empregados dos dous comboios, que haviam ficado illesos da catastrophe, corriam como que desviados, perguntando aos passageiros se entre elles havia algum ferido.

A maior parte dos passageiros ha-

responder áquella pergunta e, na duvida, entendemos que o mais urgente era fazer transportar a pobre passageira para a casa.

Os habitantes da aldeia começaram a apparecer, attrahidos pela noticia da catastrophe. Um d'elles foi buscar uma cadeira e, como nos foi possível, transportamos aquella victima do desastre que, com relação ao comboio de passageiros, só havia matado o machinista e talvez a pobre creatura que levavamos para a quinta.

Momentos depois entregamo-la aos cuidados de minha mãe, que a fez despir e deitar, ouvindo-se n'este instante um suspiro que nos revelou haver ainda vida n'aquelle corpo.

Chamado um medico immediatamente, examinou-a cuidadosamente, dizendo:

—Viva está; receio, porem, muito as consequencias, pois tudo me faz crêr que a commoção foi violenta. Talvez tenha lesões internas por emquanto difficéis de verificar. Só amanhã ou depois é que poderei ser mais affirmativo a este respeito.

—Mas resistirá?—perguntamos ao medico.

Este meneou a cabeça dubitativamente, dizendo em seguida:

—Nada posso asseverar e o mais prudente seria prevenir a familia.

Para prevenir a familia, porém,

era necessario conhecê-la e da passageira ferida nada sabiamos, nem mesmo o seu nome.

Uma creada, que servia de enfermeira, disse:

—Talvez na carteira que trazia no bolso haja alguma indicação.

—Onde está a carteira?—perguntei.

—Sobre aquell' commoda—respondou a creada.

Eu e meu primo tratamos de examinar a pequena carteira.

Entre alguns papeis insignificantes, contas de hotel e facturas de estabelecimentos de modas encontramos alguns bilhetes de visita nos quaes estava escripto este nome: *Julia Carini, artista lyrica*.

Quanto a morada nem palavra.

Examinamos tambem a pequenina mala de viagem, uma malinha de mão, que haviamos encontrado no compartimento da carruagem onde viajava a desconhecida passageira.

Nada nos revelou o nosso exame. A malinha de mão apenas continha alguns objectos de *toilette* e uma carta que felizmente minha mãe não viu e que eu e meu primo entendemos não lh'a devermos mostrar em attenção aos seus nobres e fidalgos sentimentos e ao respeito que nos merecia.

Por conseguinte, tratamos de confiscar a carta, a fim de evitarmos que qualquer creada curiosa a lesse.

(Continúa)

gnante Sr. Antonio Fernandes Henriques, que de regresso de S. Thomé vem fazer uma visita a seus paes.

Já regressou a esta Villa o nosso bom amigo e prezado assignante Sr. Francisco Magno Adrião Lagôa. Damos-lhe as boas vindas.

Estiveram n'esta Villa na terça feira d'esta semana, os nossos bons amigos Srs. P.º Manuel dos Reis de Mattos, de Campello e Romão de Sousa Manso, d'Aréga.

De visita á Sr.ª D. Adelaide Cra-veiro, tem estado n'esta Villa o nosso amigo Sr. Francisco Antonio d'Aguiar, digno chefe da estação tele-grapho-postal da Moita do Ribatejo.

De passagem para Castro Verde, vimos na quarta feira ultima n'esta Villa o nosso prezado assignante Sr. Antonio José de Carvalho.

De passagem para Coimbra esteve n'esta Villa, acompanhada de seus filhos, a Sr.ª D. Herminia de Paiva Vidigal, virtuosa esposa do nosso amigo Sr. José Custodio Vidigal, de Pedrogam Pequeno.

Acompanhado de seus filhos esteve n'esta Villa de passagem para as Varzeas, o nosso prezado amigo e assignante, Sr. Eduardo Nunes de Carvalho, importante commerciante da praça de Lisboa.

Já entrou em convalescença o nosso bom amigo e assignante, Sr. José Simões da Silva, d'esta Villa, que ultimamente esteve perigosamente enfermo.

Vimos na quinta feira ultima n'esta Villa o nosso prezado amigo Sr. Antonio Henriques Fernandes, do Carregal.

A Administração

Prevenimos os nossos Ex.ªs assignantes de que estão em cobrança as assignaturas annuaes vencidas e rogamos-lhe a fineza de mandarem satisfazer, tanto estas como as anteriores, que ainda não tenham pago.

Abstracções

Quem é que já viu Brilhar a verdade Na estulta vaidade Que sempre mentiu?

Quem pôde já ver Baixar-se o vaidoso Até caprichozo Cumprir seu dever?

Historias! Ninguem, Que o homem pavão Surrindo infanção, Deveres não tem!...

É não! Ao homem mais ou menos ponderado, razoavel e bom, não é raro ouvir-se: «Desculpe, que me enganeci! Desculpe, que me excedi!» Mas ao empavonado, ao escravo do seu—quase sempre—mal entendido orgulho, ninguem ainda ouviu nem jagóra ouvirá balbuciar a palavra «Desculpe!» E não, porque esse nunca se engana! E não, porque esse nunca se excede!

A. d'Almeida.

UMA VESÃO

A Alguem...

Sentada sobre a praia, a ver o mar, Estavam dois amiantes. Ambos na idade propria de casar, Estavam deslumbrantes.

Para ouvir esse idyllico encantador, Caminho lentamente... Ella nobre, fallava com calor Dizia altivamente:

Es pobre, não tens nome, posição, Assim não me convens; Não consente a mamã na ligação, Com quem não tenha bens.

—Sou pobre, dizes; hoje é que te importa, O ser eu rico ou não?... Pobre, porque o amor me fecha a porta, Não tenho uma affeição?!

O teu desprezo agora me consome E dôr atroz, me cobre!... Que culpa tenho eu, não ter um nome, Em ter nascido pobre?!

E lagrimas ardentes orvalhavam, Seu rosto macilento; Soluços abafados echoavam, Trazidos pelo vento.

Fugi da praia—O echo então dizia Ao longe sem cessar Sou pobre, sem ter nome repetia Não sirvo para amar.

Martyrio.

Estudantes

Em Coimbra—Casa de reconhecida probidade, com tratamento esmerado e preços modicos, recebe alguns estudantes dos que frequentam o lyceu.

N'esta redacção se prestam informações.

Ecce Homo!

Lê-se no «Grito do Povo» de 2 do corrente:

- A quem é que os republicanos tem mais odio? —E' ao Rei. —Isso é que não. —Então é á Monarchia. —Ainda não. —Então não sei. —Qual é o maior flagello dos burros? —E' o chicote. —E qual qual o que melhor zurze os republicanos? —E'... «O Povo d' Aveiro». —Ecce Homo!

E esta?

Os socialistas allemães não que-rem que se toque na Igreja nem no Exercito!

E' que Bebel e Singer são dois ignorantes, dois ingenuos que não pescam nada d'aquillo!

Clamassem lá os nossos sabios, os nossos grandes sociologos, e veriam como da Igreja e do Exercito apenas restaria a memoria!

E o valletismo? Esse é que eu lhes quero á perna!

Pobre Igreja e pobre Exercito!

Antônio d'Albuquerque.

O Divorcio

Mas ha mais: O numero dos divorcios augmentou espantozamente nos annos seguintes:

Em 1891, houve 7.245; em 92,

8.119; em 93, 8.159; em 94, 8.937; em 95, 9.144; em 96, 9.148, e em 97, 9.283!

E cuidam que por este facto diminuiu—como elles esperavam—o numero de separações? Não: foi sempre subindo respectivamente, assim: 2.059, 2.094, 2.174, 2.405, 2.440, 2.585 e 2.657!

Escuzado será dizer que estas cifras são officinaes e vêem publicadas na Revue de Statistique número 12 de Agosto de 1900.

O departamento do Sena—onde está Pariz—continúa Castelain, brilha á frente d'esta estatistica negra! Pronunciam-se ahi, em média, 2.083 divorcios por anno: um terço quaze, da totalidade em França, e apenas 225 separações de corpos!

Como se vê, a lei do divorcio, hoje como nos tempos da decadencia de Roma, produz os mesmos repugnantes resultados! Não pudemos alongar-nos n'esta materia, que é escabrosa e fecunda. Mas tambem não pudemos—visto que vamos fallar da America—deixar d'aqui citar um bello exemplo:

A senhora Leodie de Brighton—Mascachusetts—nos Estados Unidos da America do Norte, contava apenas 42 annos de idade em 1895, e já se tinha divorciado 28 vezes!!!

III Continúa.

—Que cazasse aos 14... era um homem per anno!!

A mulher é sempre angélica—ainda que physicamente o não seja—desde que a instrucção a torne agradável e digna, a educação a faça virtuosa e boa, e a religião—sem exageros nem deficiencias—lhe exor-ne a alma de longanimidade e candura.

A. d'Almeida.

SECÇÃO HISTORICA

D'OS «FRADES»

DE

JOÃO DE LEMOS

«Excerptos»

Os frades inimigos da liberdade e prejudiciaes á população, por toda a America fundavam aldeias e instituiam pequenas republicas, em que pareciam reviver os primeiros tempos da Igreja e os costumes innocentes dos séculos primitivos.

Todas as instituições tem uma utilidade que, ou se não conhece ou não está aproveitada: esse conhecimento e esse aproveitamento são do dominio dos grandes génios, que estão para os engenhos certos assim como os oculos de longo alcance estão para as vidraças: por isso os grandes inventos não são senão achados e applicações de coizas antigas que estavam occultas.

Applicando o que temos dicto ás Ordens Religiozas, vemos que se a sua Instituição fosse má, haveria progresso em a reformar e accomodar ás circumstancias do tempo, ou mesmo em a destruir. Mas a sua Instituição era boa, e tão boa que os frades foram instinctos porque lhe

mentiam, como se disse e se escreveu.

Logo, se a Instituição era tão boa, foi um erro o destrui-la: e, n'este caso, achamos que o verdadeiro progresso consistirá em reconhecer esse erro e remediar os seus funestos effeitos: e mais progressó nos parece que haverá ainda em restituir essa Instituição limpa dos abuzos que ultimamente n'ella havia.

XXXIX. Continúa.

ANNUNCIOS

A Camara d'Alvaiazeré

Arremata no dia 3 de Novembro proximo o fornecimento de carnes, sendo o seu consumo médio da vacca 150 kilos aos sablados.

As condições estão patentes na secretaria da Camara.

Alvaiazeré, 3 d'Outubro de 1909:

O Presidente,

Francisco Rego.

VENDE-SE

Uma boa propriedade—com agna—á beira da Estrada Nova, no sitio do Barreiro, ares d'esta villa.

Consta de cazas de habitação, um grande barracão, quintal murado com parreiras e arvores de fructo, vinha, oliveiras, matto, pinheiros, sobreiros, etc.

Esta propriedade é apenas cortada pela Estrada, e quaze se vê toda de caza.

Terrenos de graça e para arrendar

Mantel Luiz Agria Junior, d'esta villa, offerece de graça terrenos para amanhlar, no seu predio nos Portelões.

Arrenda todo ou em glebas, o seu predio que possui nos Linhares.

Quem pretender queira dirigir-se ao seu proprietario.

Usae o Fuminol Contra o vicio do fumar

Em poucos dias desaparece este prejudicial vicio bochechando com o «Fuminol»—que é innocensivo, não tem mau paladar e é d'um effeito seguro e rapido.

Frasco 400 reis.

Pelo correio 450 reis.

Remette-se a quem enviar a sua importancia á

PHARMACIA CAMPOS

Estarreja—Salreu

Vende-se

Propriedade, composta de terra amanhada com agua de mina e poço, pomar e outras arvores, videiras e casas de sobrado e lojas, situada á Santarem, limite d'esta villa, a 20 metros desviada da estrada da Castanheira de Pera.

Quem pretender dirija-se a José Simões da Silva, d'esta mesma villa.

RELOJOARIA BARROCAS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Bom sortimento em relógios de meza e parede; relógios mourês de pesos com figura na pendula; despertadores desde 500 reis.

Relógios de bolso, boas marcas—Vulcain Longines Civil Cronometro Naval e outras marcas, garantidos por um e dois annos.

Machinas de costura de diferentes marcas, e todas as peças pertencentes a estas machinas.

Cordões, correntes, argolas, brincos, botões, cruces, fios, alfinetes, anéis e berloques de ouro e prata.

Compra e recebe em troca ouro velho, moedas de ouro antigas ou modernas.

Concertos garantidos em relógios, machinas fallantes, caixas de muzica e objectos de ouro e prata.

Largo da Praça

(em frente da egreja)

Manuel Coelho Fernandes David.

Alvaiade VEADO

A melhor marca que existe

A venda nas principaes Drogarias de Lisboa e Provincias.

Fabrica e escriptorio—Boqueirão dos Ferreiros, 16 e 17.

(à Boa Vista)
LISBOA

PÃO DE LÓ

DA FABRICA DE
SANTO ANTONIO DOS MILÁGRES

DE
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

E' uma especialidade que não tem competidor no nosso paiz.

➔ Pedidos directamente á fabrica.

AGUAS

DE

S. VICENTE
ENTRE OS RIOS

A nascente mais pujante e de mais elevada mineralisação da bacia hydrographica de Entre os Rios, possuindo o mais incontestavel documento da preferencia que lhe deram os Romanos.

Resultados surprehendedentes nas affecções dos orgãos respiratorios: Bronchites, laryngites, pharyngites etc.

Preço incluindo a garrafa
90 reis

Deposito—Pharmacia Serra

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

As Thermas e o Grande Hotel de S. Vicente estão abertos desde 30 de maio a 15 de outubro.

ATTENÇÃO!!

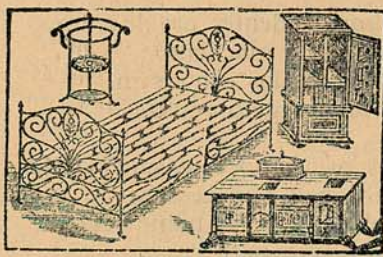
LOJA
DOS

QUATRO GLOBOS



FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O proprietario **Benjamin A. Mendes**, participa a toda a sua clientela que devido ao grande sortido que fez para as occasiões da feira, resolveu fazer grandes abatimentos nos artigos abaixo mencionados e bem assim n'outros que aqui não annuncia.



Camas de ferro a 2\$000,

ditas do mesmo metal (em diferentes feitiços), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de madeira.—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionais e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de seda e de lã.—Ferro em barra e arco para vazilhame.—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a bôa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes.

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda-se vir em acto continuo.

CENTRO COMMERCIAL

MANUEL LOPES BRUNO

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ESTAÇÃO INVERNOSA

Para a presente estação, já esta acreditada casa recebeu e continua recebendo, grande variedade de artigos que vende a preços convidativos. Pois além dos novos tecidos que são o que ha de mais chic tanto em lã como em algodão, tem grande quantidade de diversos artigos em saldo que parece mesmo impossivel os seus diminutos preços porque se vendem.

Flanellas de algodão, côres lisas, sortimento monstro.—Ditas estampadas (o bijou da moda).—Ditas com borbote para saias.—Ditas escuras para uso.

Flanelletas, variedade, em padrões e preços.

Flanellas em saldo (100 peças) que eram de maior preço, metro 70, 75 e 90 reis.

Flanellas (phantasias) e setins, tudo pura lã no artigo mais distincto, metro 300, 600, 800 e 900 reis.

Flanellas de lã assetinadas, o mais chic para vestidos, metro 600 e 700 reis.

Casteletas enfiadas com boclé, metro 300 reis.

Patentes brancos e crus, para roupas de senhora e criança, qualidade superior, metro 120 e 140 reis. Ditos enfiados para lençoes.

Um saldo de 500 cobertores d'algodão, côres mescla, rosa, cinza e castanho, que eram de 1\$000 reis, vendem-se a 700 reis.

Sortimento completo em confecções para vestidos, do mais baixo ao mais fino.

O mais completo sortido em toalhas e guardanapos, de côr e branco, para meza, desde 10 reis.

Toalhas e toalhetes de sarja, crepe e felpudo, para rosto, em todos os preços, a começar em 70 reis.

Saldo de chita para dar logar aos novos tecidos a chegar.

➔ Preços sem competencia e sempre ávante ➔

A maxima lealdade preside a todas as transacções.

Mais um novo saldo

1:000 metros de lãs para vestidos (preço real 500), vende-se a 75 reis.
—5:000 metros de flanelletas a 75 reis o metro.—Guardanapos de linho para chá, brancos e côres com lindas ramagens, a 50 reis.—Meias pretas para senhora (uma boa aquisição), a 80 e 100 reis.

CARLOS LIBORIO

COM

ESTABELECIMENTO

DE

Mercearia, quinquilherias, ferragens, drogaria, vidraça, petroleo, charruécós para lavou-
ra, enxofre, sulfato de cobre, cimento e muitos outros artigos

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Encarrega-se do transporte de encomendas de Pombal, sendo-lhes enviadas as respectivas senhas do caminho de ferro, mediante pequena remuneração.

LATOARIA

E

CALDEIRARIA CENTRAL

MIGUEL HENRIQUES FERNANDES

com

OFFICINA DE LATOARIA

E CALDEIRARIA

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes a estes dois ramos de industria, para o que tem pessal habitado.

Preços modicos

Rua Everard, 103—105

THOMAR

Manteiga sem rival

de

Macieira de Camara

E' depositaria a S.^a Maria da Conceição Almeida Henriques

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Latas de 1 kilo..... 840

Ditas de meio..... 420

Ditas de um quarto..... 210

Fica fornecendo pelo mesmo preço da fabrica.

HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Douradores, 7—1.^o

LISBOA

Este hotel, um dos melhor situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são 800 reis por dia, bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisal-o da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informacões.